

O ENSINO DO PROCESSO DE ENFERMAGEM (PE) NOS CURSOS DE ENFERMAGEM EM UMA CIDADE DO OESTE CATARINENSE

THE NURSING PROCESS TEACHING IN NURSING COURSES ON A CATARINENSE WEST CITY

MARISA GOMES DOS SANTOS¹, JULIA VALERIA DE OLIVEIRA VARGAS BITENCOURT^{2*}, MARITANIA ORLANDI¹, TAIZE SBARDELLOTTO¹, ODILA MIGLIORINI¹, KÁTIA SEDREZ CELICH³, TATIANA GAFFURI DA SILVA³, SILVIA SILVA DE SOUZA⁴

1. Acadêmica da 7ª fase do curso de bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó; 2. Docente Mestre da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, do Núcleo de Pesquisa Educação em Saúde e Enfermagem: EDEN; 3. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Chapecó. Doutora em Gerontologia Biomédica – PUCRS; 4. Mestre Docente do Curso de Enfermagem, da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, Campus Chapecó.

* Rua das Hortências, 221, Bairro: Di Fiori, Guatambu, Santa Catarina, Brasil. julia.bitencourt@uffs.edu.br

Recebido em 08/07/2015. Aceito para publicação em 11/08/2015

RESUMO

Campo de estudo: Três universidades de uma cidade do Oeste Catarinense **Objetivo:** Descrever a configuração do processo de ensino aprendizagem do PE nos cursos de enfermagem. **Metodologia:** Descritivo quantitativo com 45 professores(as) desenvolvendo componentes específicos da enfermagem, CEP: 836044. Coletaram-se os dados usando-se questionário fechado, analisados pela estatística descritiva. **Resultados:** Evidencia-se uma defasagem quanto à efetividade do processo de ensino aprendizagem do PE, pois os percentuais não valorizam suficientemente a indispensabilidade deste ensino, demonstra-se fragmentação entre os componentes, e carente aplicação de exercícios práticos de suas etapas em sala de aula. **Conclusão:** Propõe-se que o ensino do PE consista em prioridade nos projetos políticos pedagógicos, tal qual o cuidado o é, mesmo porque, estes se atrelam. Percebe-se a prerrogativa para os colegiados dos cursos de enfermagem a articulação, debates e o desenvolvimento de tecnologias que alinhem a teoria e a prática concernente ao eixo norteador da assistência de enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Processos de enfermagem, ensino, cuidado

ABSTRACT

Field of study: Three universities in a city of the West of Santa Catarina **Objective:** To describe the configuration of Nursing Process teaching and learning process in nursing courses. **Methodology:** quantitative summary with 45 teachers (as) developing specific components of nursing, ZIP code: 836044. were collected data using closed questionnaire and analyzed using descriptive statistics. **Results:** This study highlights a lag as to the effectiveness of Nursing Process teaching and

learning process because the percentages not sufficiently value the indispensability of this school shows up fragmentation between components, and poor application of practical exercises of its stages in the classroom. **Conclusion:** It is proposed that the Nursing Process teaching consists of priority in teaching political projects, like the care is even because these are closely linked. You see the prerogative to boards of nursing courses to joint discussions and the development of technologies that align theory and practice concerning the guiding axis of nursing care.

KEYWORDS: Nursing processes, education, care

1. INTRODUÇÃO

O ensino do Processo de Enfermagem (PE) nos cursos de Graduação perpassa os componentes curriculares ao longo do curso, quando enfocamos a especificidade desta profissão. Esta composição temática assume este caráter na medida em que, por meio do PE, se propõe um método para execução das ações de enfermagem. Neste sentido, os cuidados que a enfermagem desenvolve, nos diferentes ciclos da vida, e em diferentes níveis de atenção, são cenários de assistência nos quais o enfermeiro pode e deve, sem exceção, apropriar-se de uma metodologia que sistematize cientificamente as suas práticas.

São inúmeros os autores que debatem e apontam para o PE como eixo norteador da assistência de enfermagem, salientando que a adoção de uma metodologia traduz o compromisso profissional e social do enfermeiro com a comunidade⁵. O PE aplicado no cuidado às pessoas pode

proporcionar individualidade, integralidade e também fornecer diretrizes para a organização profissional¹. O PE auxilia na identificação do fenômeno de saúde do indivíduo, família e comunidade, bem como a fazer julgamentos sobre ele, e ainda definir ações que o fenômeno demanda e quais resultados esperar de sua implementação².

Além disso, assegura ao profissional o exercício de suas atividades privativas expressas na lei que dispõe que a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) e a implementação do PE em ambientes públicos ou privados, devem ser realizados de modo deliberado e sistemático³.

Outros autores ainda destacam que se trata de um processo de qualificação profissional, propiciando a cientificidade à profissão, desencadeando autonomia no cuidado, valorização e reconhecimento, conduzindo a definição do papel do enfermeiro e espaço de atuação saindo do cuidado intuitivo e assistemático^{4,5}.

Sendo assim, considerando-se a relevância do desenvolvimento do PE para a profissão da enfermagem, torna-se crucial que no período de formação acadêmica, no qual, o estudante conhece e reconhece elementos vitais em seu processo formativo, seja oportunizado ao mesmo, uma íntima aproximação com a sua prática, tomando por base, o desenho metodológico prescrito nos modelos existentes de PE.

Neste sentido, o professor constitui-se no facilitador e mediador da dinâmica em que ocorre o ensino-aprendizagem do PE, o qual deve ter como orientação as competências definidas no Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso, a serem desenvolvidas, a partir de atitudes valorativas, assimilação de conhecimentos teórico-práticos, e a aquisição de habilidades para a sua aplicação⁶.

Logo, o ensino do PE na Graduação, deverá suprir esta logística de aprendizado, de tal forma, que o acadêmico durante o curso, possa cumprir com esta prerrogativa nos diversos cenários, onde vivencia o cuidado, assim como, o formando em seu estágio final do curso, e por fim, o profissional em seu cotidiano assistencial.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo descrever como se configura o processo de ensino-aprendizagem do PE nos Cursos de Graduação de Enfermagem nas Universidades de uma cidade do Oeste Catarinense.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem quantitativa, realizado com professores de Enfermagem de três Instituições de Ensino Superior (IES) de uma cidade do Oeste Catarinense, desenvolvido em fevereiro e março de 2015.

Adotaram-se como critérios de inclusão: professores que ministram componentes curriculares (CCR) específicos da área da enfermagem e que o tenham ministrado ao menos por um semestre no respectivo curso. Foram excluídos do estudo professores com experiência na docência da área específica da enfermagem com tempo inferior a um semestre e também aqueles que declararam não trabalhar com o PE de forma alguma em seus CCR.

Os participantes do estudo foram abordados após contato com os(as) coordenadores(as) dos cursos, por meio dos(as) quais, se obteve uma lista de todos os professores vinculados a CCR específicos. De posse da lista as pesquisadoras fizeram contato com os(as) professores(as) por telefone e ou online, visando primeiramente saber sobre o interesse em participar do estudo e por fim pactuar com estes(as) o melhor momento para a realização do estudo. Os(as) que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e com acesso ao projeto aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) protocolado:836044. Totalizaram 45 professores(as) enfermeiros(as) participantes da pesquisa.

As IES receberam o codinome de “primeira”, “segunda” e “terceira” instituição, com o intuito de preservar a identificação destas. Logo na primeira IES o total de professores inscritos na listagem obtida, somou 25 e destes(as) 23 participaram do estudo, sendo que uma professora encontrava-se em licença gestação e a outra professora é a pesquisadora; a segunda instituição totalizou 25 professores(as) e 18 participaram do estudo, as não participações relacionaram-se a um processo de aposentadoria, dois processos de afastamento para capacitação docente, uma recém contratada, e duas que não aplicavam o PE, logo excluídas do estudo e por fim uma que não aceitou; a terceira instituição totalizou 15 professores(as), sendo que, destes apenas 4 participaram da pesquisa. Ressalva-se que na terceira instituição havia na lista disponibilizada três professores(as) que trabalhavam concomitantemente na segunda IES, desta forma, duas delas recusaram-se a participar duplamente, justificando que o que sinalizariam para uma das IES corresponderia similaridade a outra instituição a qual eram vinculados(as), entretanto a última já havia recusado participar na segunda IES, mantendo sua posição para a terceira IES. Na terceira instituição, de forma ímpar, houve 8 dissidências para opção em não participar do estudo. Apesar disso, é importante salientar que as pesquisadoras mostraram-se completamente disponíveis a atender a estes professores(as) da forma que melhor lhes conviessem, no entanto, de fato, não aceitaram. Importante também sinalizar que na referida cidade existem somente estas três IES que oferecem Curso de Graduação em Enfermagem, o que favorece as pesquisadoras obterem uma descrição sobre o ensino do PE que envolve a

totalidade das instituições do município, considerando que é reconhecida como a “Capital do Oeste Catarinense”, portanto, o desenho do ensino do PE nas IES proporcionou um parecer sobre uma localidade a qual a saúde vem crescentemente se desenvolvendo, acompanhando o desenvolvimento político e econômico.

O instrumento de coleta de dados usado foi um questionário fechado com uma escala likert cujas opções para descrever o que se propunha diante da variável apresentada, oscilaram em total e não aplicação da variável em foco. Os respondentes do instrumento tiveram acesso ao mesmo, em local e hora a qual optaram por respondê-lo, e as pesquisadoras se colocavam a disposição em permanecer esperando ao preenchimento do questionário ou combinarem outro momento para entrega destes.

Para análise de dados apropriou-se da estatística descritiva apresentando-se suas frequências absolutas e relativas.

3. RESULTADOS

No que tange a variável que verifica a continuidade do ensino do PE entre os CCR 12 (52,1%) dos respondentes sinalizaram que fazem essa verificação na primeira instituição e 1 (4,3%) respondeu que não se aplica; enquanto que na segunda instituição 7 (38,8%) responderam que averiguam e 2 (11,1%) não se aplica; já na terceira instituição 2 (50%) averiguam. Ao questionar sobre o desenvolvimento da temática em reuniões de colegiado de curso, surge: Na primeira instituição 4 (17,3%) tratam da temática e 1 (4,3%) respondeu que não se aplica esse desenvolvimento; para a segunda instituição 9 (50%) tratam; enquanto que na terceira instituição o percentual é 2 (50%) que tratam.

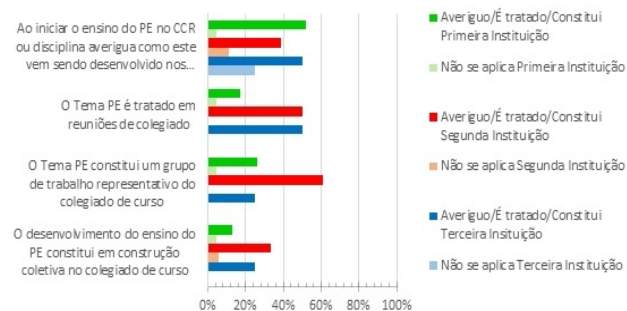


Figura 1. A Continuidade do ensino do Processo de Enfermagem (PE) entre os Componentes Curriculares (CCR) e a interlocução nos colegiados dos cursos de enfermagem sobre a temática.

Quanto a constituição de um grupo de trabalho para o desenvolvimento desta temática no colegiado de curso na primeira instituição essa constituição é afirmada para 6 (26%) e 1 (4,3%) respondeu que não se aplica; já na segunda, esta é confirmada para 11 (61,1%); na terceira a resposta é positiva para 1 (25%). A variável que diz respeito à construção coletiva do ensino do PE no

colegiado revela que 3 (13%) dos respondentes da primeira instituição consideram que há essa construção coletiva e 1 (4,3%) que não se aplica; da mesma forma na segunda instituição 6 (33,3%) dos respondentes afirmam constituir tal construção e 1 (5,5%) não se aplica; E na terceira instituição 1 (25%) afirmam constituir construção coletiva.

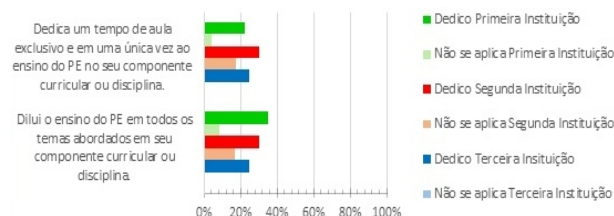


Figura 2. Tempo de dedicação ao ensino do PE no CCR.

Nesta temática, ao questionar se há dedicação única e exclusiva para o ensino do PE nos CCR, obteve-se na primeira instituição 5 (21,7%) afirmam essa dedicação e 2 (8,6%) não se aplica; já na segunda instituição 7 (38,8%) afirmam e 4 (22,2%) não se aplica; enquanto que na terceira instituição apenas 1 (25%) afirmam dedicação única e exclusiva. Na sequência foi indagado se o ensino do PE é distribuído em todos os temas abordados nos CCR, com resposta positiva em 8 (34,7%) e não se aplica em 1 (4,3%) na primeira instituição, na segunda tem-se 7 (38,8%) resposta positiva e 3 (16,6%) não se aplica; na terceira 1 (25%) responderam positivamente.

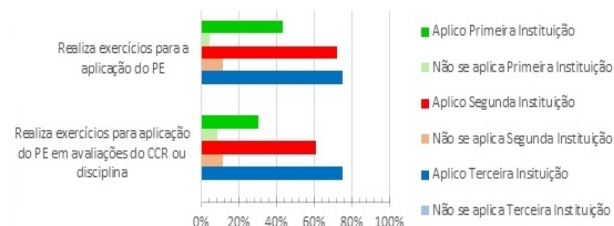


Figura 3. Aplicação prática do PE em sala de aula.

Em relação à aplicação prática do PE em sala de aula, 10 (43,4%) dos respondentes na primeira instituição afirmam realizar exercícios para aplicar o PE em sala de aula e 1 (4,3%) não se aplica; para 11 (61,1%) que realizam na segunda instituição e 2 (11,1%) não se aplica, enquanto que na terceira instituição 3 (75%) aplicam essa ferramenta. Da mesma forma foi questionado se há realização de exercícios para aplicação do PE em avaliações do CCR e constatado que na primeira instituição 7 (30,4%) aplicam e 2 (8,6%) responderam que não se aplica; enquanto que na segunda instituição esse percentual é de 13 (72,2%) que aplicam para 2 (11,1%) não se aplica; na terceira instituição 3 (75%) aplicam.

4. DISCUSSÃO

Ao analisarmos o ensino aprendizagem do Processo de Enfermagem (PE), observa-se a relevância dos

professores averiguarem entre um componente curricular (CCR) e outro como se desenvolve este ensino, caracterizando assim, o interesse quanto à continuidade deste modelo de ensino. Dessa forma, diante desta variável surge um resultado sinalizando que aproximadamente 50% dos professores de duas das instituições participantes se ocupam com esta averiguação, sendo que, para uma das instituições, esse percentual se reduz. Estes dados permitem inferir que para alguns professores das instituições pesquisadas não se prioriza a continuidade do ensino do PE, entre os CCR, isto é, o modelo é definido de forma individualizada.

Sobre esta problemática, estudos evidenciam que os professores, tendem de fato, a construção do ensino do PE dentro dos limites dos CCR, causando assim, uma fragmentação deste ensino. Ainda destacam que esta condição fica pior ao se tratar de CCR não específicos. Esta fragmentação implica em um modelo de ensino que compromete a apreensão do saber e o saber fazer, visto que, assim se operando, impossibilita estabelecer a crítica e reflexão sobre a articulação dos conteúdos trabalhados entre os CCR, conduzindo a uma contradição com a prática do PE nos serviços de saúde⁷.

Estudos de 2007, já mostravam esta realidade afirmando que nas escolas nacionais o ensino do PE é recente, prevalecendo em componentes isolados, além de seguirem uma metodologia educacional pautada em uma educação bancária, características estas, que dificultam o ensino-aprendizagem⁸.

Quando se ensaja articular o ensino do PE durante a formação entre os CCR, um mecanismo necessário é o debate sobre esta temática em reuniões de colegiado. Logo, ao se questionar as instituições quanto a esta prática, duas instituições apresentam percentuais de 50% para este indicativo, porém para uma delas, o percentual não denota a preponderância deste debate junto ao colegiado, ficando inferior a 50%.

A abordagem do tema PE em reuniões colegiadas é de suma importância para se fazer amarrações que o consolide na instituição, se isso não acontece de uma forma consistente reforça a problemática, já mencionada acima, donde se percebeu a descontinuidade do ensino do PE entre os componentes. Partindo deste pressuposto, trata-se de orientação do Ministério da Educação (ME), por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que a organização do Curso de Graduação em Enfermagem deverá ser definida pelo respectivo colegiado do curso, que indicará dentre outros aspectos como se conduzirá o sistema de créditos no Projeto Político Pedagógico (PPP) e que essa construção deva ser coletiva, valorizando-se a perspectiva da interdisciplinaridade⁹.

Se já é relevante para a qualificação do ensino do PE, o debate sobre a temática em colegiado, a criação de um grupo de trabalho seria providencial e representativo no

colegiado das instituições, para tal variável, se obteve uma média de 25% dos professores(as) confirmando a formação do grupo de trabalho para o estudo do PE, enquanto que em uma a afirmação total para a criação do grupo é superior a 60%, o que nos permite perceber que para esta instituição o envolvimento com o ensino do PE avançou mais do que em relação às outras instituições.

A constituição de grupos que trabalhem o tema do PE dentro das instituições e que façam essa reflexão no colegiado são imprescindíveis para a evolução deste ensino, auxiliando no sentido da organização do mesmo, assim como, desmistificando suas dificuldades e oposições que ainda o acompanham.

Abrir espaços para a reflexão sobre os meios e fins da utilização do PE é fundamental ao cuidado nas práticas de saúde viabilizando também a reconstrução da intersubjetividade associada ao uso de tecnologias para este cuidado^{7,10}.

O debate temático em reuniões de colegiado, a formação de frentes de trabalho para aprofundamento e alinhamento do tema, pressupõe uma construção coletiva do ensino do PE, sendo assim, quando questionados sobre esta construção ser coletiva ou não as respostas sinalizaram um percentual baixo para todas, inferior a 50%, sendo que para uma delas este percentual foi significativamente reduzido, o que é coerente, com o que se observou previamente nas demais variáveis sobre este assunto, isto é, as Instituições de Ensino Superior (IES) pesquisadas carecem de uma articulação efetiva quanto ao direcionamento do ensino do PE entre os CCR e em especial nos colegiados dos respectivos cursos.

Ressalta-se a importância do envolvimento das diferentes áreas de atuação quanto ao ensino do PE, promovendo uma linguagem comum e convicção quanto a sua aplicação, esta articulação permite que os professores mantenham a mesma postura diante do ensino do PE e dominem os conhecimentos, favorecendo o aprendizado¹⁰.

Adotar uma linguagem unidirecional nos cursos de graduação em enfermagem, para o ensino do PE consiste em questão crucial, mesmo que, haja uma variedade de cenários de prática, tal qual, uma variedade de modelos para execução desta prática. Contudo, o estudante em processo de aprendizado, necessita de um eixo norteador que lhe sinalize os caminhos para o desenvolvimento da prática do PE, caso contrário, é possível que este aprendizado seja comprometido, considerando-se o nível de complexidade inerente a ciência e práxis da enfermagem, resultando assim, na desqualificação do cuidado de enfermagem.

Todavia, a dedicação ao ensino do PE é outra potencialidade mencionada, e para essa variável obteve-se para duas instituições uma média não superior a 25%, enquanto que em uma, atingiu um percentual superior as outras duas, contudo ainda sem atingir ao

menos 50%. Os problemas quanto ao desenvolvimento do PE consiste realidade comprovada por inúmeros estudos, estes apontam tais dificuldades tanto durante a graduação como após. Essas dificuldades podem estar associadas, dentre outros fatores, ao tempo dedicado ao ensino do PE, que "... por ser instrumento fundamental à prática da Enfermagem, merece atenção singular, (...) e, portanto, não pode ser subvalorizado no processo de formação profissional dos enfermeiros, particularmente"¹¹.

Na lógica de que o PE é a essência das competências do enfermeiro, foi questionado se ele é uma constante durante todo CCR de cada professor(a) ou se é tratado de forma pontual e individualizado, assim os resultados obtidos revelam que a distribuição no componente acontece de forma diluída para percentuais subestimados todos inferiores a 50%.

Quando o PE é tratado de maneira continuada dentro do CCR, a apreensão do conhecimento, sobre o tema, é facilitada de forma natural e gradativa uma vez que passa a fazer parte do cotidiano curricular, facilitando assim o desenvolvimento de suas etapas e correlacionando com assuntos pertinentes à profissão que vão sendo estudados no decorrer do componente, sem que caia no esquecimento decorrente do desuso desta ferramenta. Fato este comprovado em estudo realizado em uma instituição federal do Rio Grande do Sul, onde os estudantes justificam seus sentimentos de frustrações, pela não aplicabilidade do PE, mencionando a falta de abordagem contínua e progressiva durante a graduação¹². Neste contexto, o enfoque ao tema deve ser ininterrupto, atentando para complexidade progressiva da atenção à saúde⁸.

Logo nos cenários em estudo, evidencia-se uma defasagem quanto à efetividade do processo de ensino aprendizagem do PE, visto que, os percentuais não valorizam suficientemente a indispensabilidade deste ensino para pautar o cuidado de enfermagem, tanto em formato pontual nos CCR, o que por si só, já emite problemas nas práxis deste aprendizado, mas como principalmente, por não ser tomado como referência para todas as práticas da enfermagem ensinadas ao longo dos CCR. Dessa forma, se reflete quanto ao modelo que norteia o cuidado de enfermagem, quando se apresenta situações de saúde as quais o enfermeiro deva atuar, e os professores de alguma forma, explicitam que não usam o PE em todos os temas tratados no CCR.

Por fim, é tácito que o ensino do PE deva ser instigado por meio de estratégias que possibilitem sua fixação/memorização, para tal se questionou quanto à aplicação prática do PE em sala de aula, que revelou que acima de 60% dos respondentes em duas instituições, lançam mãos de exercícios com este objetivo, enquanto que para uma delas esse percentual não chega a 45%. A realização de exercícios com simulação de casos do cotidiano da profissão é a forma tradicional mais usada no processo

ensino aprendizagem do PE, contudo se pode sempre inovar com táticas alternativas, como por exemplo, a encenação/ teatro, jogos entre outras, que possibilitem o estudante a motivação na apropriação desse conhecimento, pois só assim o ato de ensinar se completa¹⁰.

Uma alternativa que vem se concretizando cada vez mais, diante da evolução da informática, são os ambientes virtuais para auxiliar no processo ensino aprendizagem, em especial do PE, uma vez que os serviços de saúde dispõem de ambientes virtuais no cotidiano de trabalho, assim é indispensável aliar essa tecnologia ao ensino, que auxiliará nas simulações de situações habituais da vida profissional de um enfermeiro¹¹.

As DCN direcionam a formação de profissionais críticos, criativos, reflexivos e transformadores de sua realidade quanto ao processo de saúde e doença¹², através de "atividades teóricas e práticas presentes desde o início do curso, permeando toda a formação do Enfermeiro, de forma integrada e interdisciplinares"⁹.

Partindo disso, o aprendizado do estudante deve ser basicamente formativo, mas claro, possuindo também um caráter somativo, assim sendo, continuamente avaliado durante a graduação. Neste sentido, quanto à realização de exercícios para a aplicação do PE nas avaliações, a pesquisa revelou que mais de 70% dos respondentes em duas instituições afirmam totalmente a utilização dessa prática, no entanto uma instituição a afirmação total atingiu 30%. No que tange a esta variável, se percebe a correlação que possui com a variável anteriormente debatida, isto é, sobre a instrumentalização dos estudantes na qualificação da prática do PE com o uso de exercícios. Então para que professores demandem em processos avaliativos a aplicação prática das etapas do PE é preciso, haver previamente exposição destes estudantes a estas construções em sala de aula, donde os mesmos poderiam praticar a aplicabilidade do PE, errando, acertando, problematizando e refletindo, por meio de debates oriundos destes exercícios.

Assim se observa uma diferença estatística, embora não muito representativa, entre os dados oriundos da variável anterior para esta última. Assim preocupa o fato de que o estudante, ao ser avaliado, em uma perspectiva somativa geralmente caracterizado por aplicação de provas, testes e outros mecanismos que gerem pontuação ou conceitos é necessário a formação, neste caso, com esta discrepância, como fica a demanda somativa diante de uma formação carente.

Atualmente se debate que o ensino pautado na característica somativa, não dá conta de uma avaliação coerente e justa, uma vez que, embora se considere que ao iniciar um componente todos os estudantes tenham as mesmas condições de aprendizado, há de se frisar que cada ser é único, e assim sendo cada um tem um ritmo/tempo para se desenvolver em seu processo de formação.

Além de que na perspectiva somativa, não se apontam as dificuldades desse processo no transcórre do componente e sim ao final dele, mas qual a relevância, para o estudante em avaliação de sua formação da identificação de algo que não se pode mais mudar ou que já passou. Nesta perspectiva, o ensino com caráter formativo, além de manter uma avaliação contínua, permite que o estudante e professores compartilhem saberes, e através disso possam ser assinaladas as lacunas existentes no processo de ensino aprendizagem, em especial do PE, e que estas possam ser ajustadas favorecendo o aprendizado, bem como as próprias estratégias de ensino^{13,14}.

Finalizando esta discussão pautamos um aspecto que se evidenciou neste estudo, e que consiste em elemento a ser destacado, visto que, em algumas das variáveis questionadas obteve-se como resposta o aspecto não se aplica. Para esta situação, devemos retomar a metodologia da pesquisa que esclarece que os(as) professores(as) participantes são atuantes em CCR específicos da enfermagem, neste sentido, considerando que as variáveis em estudo, correspondem particularidades relevantes no desenvolvimento deste ensino, refletimos como se ensina o cuidado em enfermagem sem a interlocução com este método sistemático do cuidado. Como o(a) professor atinge ao seu objetivo final para o aprendizado de determinada temática, isto é, como ele explicita de forma prática o desenvolvimento do cuidado, se não aplica o ensino do PE.

Alguns autores, tratam desta problemática afirmando que em estudos realizados observou-se que o ensino do PE para alguns professores(as), se tornou pesaroso, ou seja “ mais uma obrigação” a ser desenvolvida no exercício da profissão, mesmo estando disposto na lei do exercício profissional, logo, bem ao contrariando toda a importância que se emite a este modelo de sistematização^{10,15}.

Todavia, o fato da inovação do processo de ensino aprendizagem, para alguns, pode significar sair da zona de conforto, se tornando um obstáculo. Há de se pensar nesta hipótese a partir do momento que se tem, em CCR específicos, a “não aplicabilidade” como resposta. Em alguma questão, é justificável? Visto que o PE é fundamental para a profissão, devendo ser tratado como tal e dispensado a ele relevância ímpar.

5. CONCLUSÃO

Partindo do pressuposto que, o Processo de Enfermagem (PE) é instrumento fundamental da prática da enfermagem, e como tal deve estar inserido integralmente nos diversos cenários do cuidado, o que de fato não acontece, sendo que as causas permeiam as dificuldades de implementação de todas as fases do PE, sendo atribuídas, por alguns profissionais, ao ensino

deficiente durante a graduação. Diante disso, o ensino deste deverá suprir esta logística de aprendizado, de tal forma, que o estudante durante o curso, possa cumprir com esta prerrogativa nos diversos cenários, onde vivencia o cuidado, assim como, o formando em seu estágio final do curso, e por fim, o profissional em seu cotidiano assistencial. Logo, o estudo possibilitou conhecer o processo de ensino-aprendizagem do PE nos cursos de graduação de enfermagem das Universidades de uma cidade do Oeste Catarinense.

Assim, o cenário da pesquisa revela que o processo de ensino aprendizagem se mostra fragmentado, talvez esta seja uma realidade fruto de práticas individualizadas por parte de alguns professores, que mantém uma postura geocêntrica, em que a articulação entre componentes inexistente. A falta de envolvimento dos professores, quanto ao tema do PE, dentro das instituições também pode ser pontuada como uma das fragilidades, no que tange ao modelo de ensino adotado, dessa forma, a trajetória do ensino precisa ser coesa e compartilhada entre os seus protagonistas, o que ainda não acontece, visto a ausência de debates, sobre a temática, nos colegiados dos cursos ou mesmo grupos de trabalho específicos. Sendo que, esta configuração, pode ser um fator desmotivador quanto a este envolvimento, pois as discussões dentro das Instituições de Ensino Superior (IES) mediadas em colegiado de curso contribuem para a consolidação dentro desta, uma vez que estimula o “abraçar a causa”.

Partindo dessa realidade, fica evidente a necessidade de maior comprometimento com o ensino do PE, visto que cientificamente é inquestionável ser imperioso para a qualificação da profissão, assim, seu direcionamento deve ser “dado” coletivamente dentro da instituição, consolidando-o e unificando-o, além de facilitar o aprendizado fortalecendo um eixo norteador.

O contato dos futuros profissionais de enfermagem com o PE deve ser focado de maneira priorizada nas temáticas desenvolvidas nos componentes curriculares específicos que remetem ao cuidado de enfermagem, além disso, as metodologias, que favoreçam a construção do conhecimento e entendimento quanto à aplicação prática do PE tornam-se relevantes, portanto, estratégias problematizadoras, capazes de proporcionar o empoderamento, dos estudantes, quanto ao desenvolvimento do PE, seja em sala de aula, estágio ou depois como profissional, caracterizam o desenvolvimento da expertise quanto a sua aplicação. Processos avaliativos que contemplem estas práticas constituem também em indispensável, reforçando o esforço acadêmico e docente no exercício do aprendizado do PE para efetivá-lo em seu cotidiano assistencial.

A busca por profissionais críticos, criativos, reflexivos capazes de transformar a realidade do seu meio, requer uma formação que atenda a esses objetivos, assim sendo estratégias de ensino devem ser repensadas e

debatidas em conjunto. É sabido que o ensino deve ter bases científicas, e essa foi uma das dificuldades para a concretização deste estudo, pois a carência de estudos científicos atualizados, é uma realidade, se observou que os estudos que abordam o tema se concentram em meados dos anos 2000, diante disso cabe questionar como a enfermagem vai ser reconhecida como ciência se ainda não é unidirecional em suas práticas e ainda é insuficiente em produção científica? Que é o que dá sustentação para as ações de enfermagem.

Propõe-se que o ensino do PE seja tomado como tema prioritário nos projetos políticos pedagógicos dos cursos, tal qual o cuidado o é, mesmo porque, um está atrelado ao outro, com isso, percebe-se a prerrogativa para os colegiados dos cursos de enfermagem a articulação os debates e por fim o desenvolvimento de tecnologias que alinhem a teoria e a prática no que concerne o eixo norteador da assistência de enfermagem.

REFERÊNCIAS

- [1] Santos JFE, Santos RM, Almeida LMWS, Costa LMC. O espaço do processo de enfermagem na prática profissional: um exercício de reflexão. <<http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol3num2artigo6.pdf>>
- [2] Garcia TR, Nobrega MML. Processo de Enfermagem: da teoria à prática assistencial e de pesquisa. *Esc Anna Nery RevEnferm.* 2009; 13(1): 188-193
- [3] Brasil, Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 359 de 15 de outubro de 2009: Dispõe sobre a SAE e o PE e dá outras providências. Rio de Janeiro, COFEn; 2009.
- [4] Bordinhão RC. Processo de Enfermagem em uma Unidade de Tratamento Intensivo à Luz da Teoria das Necessidades Humanas Básicas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- [5] Castilho NC, Ribeiro PM, Chirelli MQ. A Implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem no Serviço de Saúde Hospitalar do Brasil. *Texto e Contexto Enferm, Florianópolis*, 2009, Abr-Jun; 18(2): 280-9
- [6] Amorim FCM. O Ensino do Processo de Enfermagem sob a ótica docente. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFPI, Teresina, 2009.
- [7] Nascimento LKA da S. Orientadora: Tourinho FSV. Ensino do processo de enfermagem: Visão dos discentes de graduação de Natal/RN. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de ciências da saúde, Departamento de Enfermagem, 2011.
- [8] Carvalho EC, Bachion MM, Dalri MCB, Jesus CAC. Obstáculos para a implementação do processo de enfermagem no Brasil. *Rev enferm UFPE on line.* 2007 jul./set.; 1(1):95-9.
- [9] Brasil. CNE - Conselho Nacional De Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de Novembro de 2001. Seção 1, p. 37. RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 3, DE 7 DE NOVEMBRO DE 2001. <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>
- [10] Amante LN, Anders JC, Meirelles BHS, Padilha MI, Kletemberg DF. A interface entre o ensino do processo de enfermagem e sua aplicação na prática assistencial. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2010;12(1):201-7. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n1/v12n1a24.htm>.
- [11] Goyatá SLT, Chaves ECL, Andrade MBT, Pereira RJS, Brito TRP. Ensino do processo de enfermagem a graduandos com apoio de tecnologias. *Acta Paul Enferm.* 2012;25(2):243-8.
- [12] Leadebal ODCP, Fontes WD, Silva CC. Ensino do Processo de Enfermagem: Planejamento e inserção em matrizes curriculares. *Rev Esc Enferm USP* 2010; 44(1): 190-8 www.ee.usp.br/reeusp/
- [13] Borges MC, Miranda CH, Santana RC, Bollela VR. Avaliação Formativa e aprendizado na saúde. *Medicina (Ribeirão Preto)* 2014; 47(3):324-31 <http://revista.fmrp.usp.br/>
- [14] Oliveira CAde, Senger MH. Avaliação formativa: estamos preparados para realizá-la? *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba*, v. 16, n. 3, p. 158 - 160, 2014
- [15] Pereira MS. Lei do exercício profissional de enfermagem e a autonomia profissional do enfermeiro. *Enferm. Foco* 2013; 4(3,4) 171 – 174.

